

Fernando Frazão/Agência Brasil



O caso Marielle Franco, que vem sendo acompanhado incansavelmente pelo Correio, ganhou um novo capítulo nesta semana.

A primeira informação, divulgada, a princípio, pelo colunista Lauro Jardim, de O Globo, era de que ex-policial militar Ronnie Lessa havia fechado um acordo de delação premiada no inquérito que investiga os assassinatos. Porém, em nota divulgada na noite desta terça-feira (23), a Polícia Federal (PF) informou que, até o momento, havia ocorrido apenas uma delação premiada nas investigações do caso envolvendo o assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes.

“A Polícia Federal informa que está conduzindo há cerca de onze meses as investigações referentes aos homicídios da vereadora Marielle Franco e de Anderson Gomes. Ao longo desse período, a Polícia Federal trabalhou em parceria com outros órgãos, notadamente o Ministério Público, com critérios técnicos e o necessário sigilo das diligências realizadas. Até

PF nega acordo para nova delação no caso Marielle

Investigações seguem em sigilo, sem data prevista para encerramento

o momento, ocorreu uma única delação na apuração do caso, devidamente homologada pelo Poder Judiciário”

A delação citada na nota é a do ex-policial militar Elcio de Queiroz, que dirigia o carro usado no crime. Os detalhes dessa delação foram a público em julho do ano passado e é a única confirmada pela PF até o momento.

A manifestação da PF ocorre após publicações, por veículos da imprensa, que afirmam que o ex-policial militar Ronnie Lessa

teria aceito acordo de delação premiada com a Polícia Federal e fornecido informações que apontam o mandante do crime.

A suposta novidade no caso provocou manifestações da irmã de Marielle, a ministra da Igualdade Racial Anielle Franco. “Recebi as últimas notícias relacionadas ao caso Marielle e Anderson e reafirmo o que dizemos desde que a tiraram de nós: não descansaremos enquanto não houver justiça”.

A PF, no entanto, não confirma as informações envolvendo

Lessa e acrescentou que elas podem comprometer as investigações. “As investigações seguem em sigilo, sem data prevista para seu encerramento. A divulgação e repercussão de informações que não condizem com a realidade comprometem o trabalho investigativo e expõem cidadãos”.

Papel da imprensa

A viúva de Marielle, a vereadora Mônica Benício, também se manifestou sobre os recentes capítulos envolvendo o crime. Ela criticou a atuação de alguns

veículos de imprensa e jornalistas, que disse estarem mais preocupados com likes [curtidas]. “Matérias clickbait [caça-cliques] começam a surgir de forma irresponsável, com os familiares, com as investigações e a elucidação do caso e com o papel democrático que a imprensa deve ter”.

Mesmo assim, ela exalta que a “imprensa teve e terá um papel de suma importância no andamento das investigações, na elucidação e na penalização dos envolvidos, executores e mandantes”.

Advogado

O advogado Bruno Castro, que representa o ex-policial militar Ronnie Lessa, afirmou que seu cliente tinha preocupações com a família caso viesse a falar sobre o assassinato.

À Folha de S. Paulo, Castro disse que Lessa nunca demonstrou interesse em firmar uma colaboração premiada. No entanto, ele disse que sabia quem era responsável pela morte de Marielle, mas que, se falasse, sua família ficaria em perigo.

“A única coisa que ele me disse, há uns dois ou três anos, é que ele sabia quem tinha matado a Marielle. Mas afirmou que, se falasse, a família dele morreria”, disse o advogado. “Acho que ele nunca comentou [sobre o interesse de fazer a delação] por saber que meu escritório não faz esse tipo de acordo”.

Campanha no Correio

Durante mais de um ano, as primeiras páginas do Correio da Manhã registravam, através de um selo, os dias de impunidade pela não conclusão do caso em descobrir o verdadeiro mandante dos assassinatos.

Com informações de Camila Zarur (Folhapress)

Polícia investiga agressão a mulheres trans no Rio

Reprodução/Google Maps

A Polícia Civil do Rio de Janeiro investiga a agressão a duas mulheres transexuais na saída de uma casa de samba na Lapa, no centro da capital fluminense, no último dia 19. Elas afirmam ter sido vítimas de transfobia.

De acordo com a denúncia de uma das vítimas, que publicou fotos dos ferimentos nas redes sociais, elas foram espancadas por um grupo de 15 homens, entre eles seguranças do Casarão do Firmino.

Em nota, o estabelecimento disse estar à disposição das vítimas e das autoridades. “Estamos à disposição das mulheres envolvidas no caso para acolhimento, apoio e apuração dos fatos, assim como das autoridades competentes para o esclarecimento da lamentável ocorrência.”

O Casarão do Firmino afirmou ainda que vai reforçar o treinamento de seus co-

laboradores “com o objetivo de garantir o respeito às diversidades”.

A modelo e designer de moda Zuri, 25, disse que tudo começou quando ela, sua irmã, que é uma mulher cisgênero, e uma amiga trans estavam na fila para sair do local.

“Fui espancada por um grupo de homens, dentre eles seguranças, ambulantes e motorista de aplicativo. Que após me retirar agressivamente do samba iniciaram uma agressão verbal com falas transfóbicas como ‘pode bater que é tudo homem’”, afirmou Zuri.

A jovem disse que teve o nariz quebrado e aguarda cirurgia. “Nos jogaram no chão e nos chutaram por todo o corpo, cabeça e rosto.”

A amiga de Zuri, Lua, 28, que também é modelo e designer de moda, escreveu nas redes sociais que a violência teve início quando os agresso-

res perceberam que elas eram mulheres trans.

Segundo ela, o grupo de homens começou a agredir as três meninas ao mesmo tempo, com chutes e socos, e só parou quando mulheres que estavam ao redor as ajudaram e as colocaram dentro de um táxi.

“Lembro que quando estava no chão sendo atacada eu só fechei os olhos e pedi a Deus que tirasse eu e minhas irmãs dali com vida”, disse Lua. “Muitas outras como eu e Zuri não tiveram a mesma oportunidade. Eu não sou uma estatística, não fomos mais um caso que terminou em morte”, completou.

Ainda de acordo com os relatos, os seguranças e ambulantes teriam feito uma barreira para não deixar o veículo passar, e agressores chegaram a bater nas vítimas pelas janelas. A irmã de Zuri ficou desacor-

dada e precisou ser carregada por Lua.

Quando as vítimas chegaram a uma rua próxima, relataram o caso a policiais que estavam na região.

A Polícia Militar afirma que os agentes constataram que houve um tumulto entre seguranças e frequentadores da casa de samba. “Algumas pessoas chegaram a ser agredidas antes da chegada da guarnição”, diz.

Os PMs então levaram os envolvidos para a 5ª DP (Mem de Sá), na Lapa, onde a ocorrência foi registrada e os suspeitos foram ouvidos, mas ninguém foi preso.

De acordo com a Polícia Civil, os investigadores agora buscam testemunhas e imagens de câmeras de segurança da região para esclarecer o caso.

Informações de Aléxia Sousa (Folhapress)



Caso aconteceu em uma casa de samba da Lapa